

*Roque de Barros Laraia
(UnB)*

Menotti Del Picchia não foi apenas o famoso poeta, autor de *Juca Mulato*, *As máscaras* etc., mas também um escritor de talento, além de um intelectual atuante e comprometido com o tempo em que viveu.

Em meados dos anos 40, Menotti Del Picchia publicou um livro de aventuras, *República 3000*, que talvez seja um dos primeiros, se não o primeiro, livro de ficção científica escrito por um autor brasileiro. Em agosto de 1949, o livro foi republicado na Coleção Saraiva, da editora do mesmo nome, com uma tiragem de 40.000 exemplares! O título do livro foi, então, mudado para *A filha do Inca*, definido no subtítulo como Romance Fantástico. Precedeu a primeira página do texto a seguinte Nota dos Editores:

“A ‘Filha do Inca’ é a ‘República 3000’. A mudança do título deste movimentado e surpreendente romance, imaginosa antevisão do futuro conduzida ao campo de uma realidade tão natural que impressiona, foi-nos determinada pelo autor. Seu primeiro título, ‘República 3000’, poderia originar confusões, tomando-o o público como um livro político. Se bem que um curioso pensamento interior o anime, seu grande êxito residiu no interesse crescente que sua leitura desperta, porque ele é todo aventura, ação, surpresa, novidade. O progresso técnico universal é aqui, segundo um crítico francês, ‘évoqué plus nettement que ne l’avaient fait avant lui les romanciers du merveilleux scientifique’.

O sucesso da primeira edição deste livro foi tal que a mesma se esgotou em curto prazo. Seu êxito no exterior não menos auspicioso: na França teve a honra de provocar uma comunicação à ‘Société d’Etudes Atlantiques’ e está traduzido para o francês pelo notável escritor Manoel Gahis”.

O nosso trabalho é uma espécie de resenha mais do que tardia. Sessenta anos são transcorridos após a edição com o título modificado. O que pretendemos, no entanto, é analisar o conhecimento científico do autor, bem como o seu conhecimento antropológico, expressado nas falas do herói do romance. Com isto, pretendemos compreender como Menotti Del Picchia criou a sua história, que teve como cenário

uma “remota região do país”. A identificação atual dessa região servirá para conhecermos o imaginário de um escritor urbano sobre o sertão.

Como podemos verificar pelo primeiro título, o autor pretendeu não apenas escrever um texto de ficção científica, mas também uma trama futurista. É provável que estas duas classificações literárias não fizessem sentido naquela época e, por isso, o autor rotulou o seu livro de “romance fantástico”. Na concepção atual, o fantástico ocorre quando se admite a possibilidade de alteração da ordem natural ou social pela intromissão do sobrenatural. Esta condição não se aplica ao romance de Menotti Del Picchia. Os habitantes da República 3000 não são seres sobrenaturais, nem extraterrestres, nem pertencentes a uma época futura, pois a cidade encontrada por Fragozo situa-se no tempo contemporâneo. Para eles, a nossa civilização é uma sobrevivência do passado. As características físicas dos mesmos correspondem à maneira como os contemporâneos do autor imaginavam a evolução biológica da humanidade: os homens do futuro seriam pequenos – pois não dependiam de esforços físicos – e com uma grande cabeça para conter um cérebro bem maior do que o atual. Em outras palavras, as funções do corpo humano seriam substituídas, cada vez mais, pela tecnologia. Embora já refutadas pela ciência, persistiam ainda as ideias de Jean Baptiste Lamarck (1744-1829). O que o imaginário do meado do século XX ignorava é que o homem moderno utiliza a tecnologia para moldar o seu corpo conforme os seus próprios modelos. Trata-se, portanto, de uma ficção científica que admite, a exemplo de Júlio Verne, a coexistência de civilizações com diferentes estágios de conhecimento científico.

A missão que o Exército confiou à Comissão Técnica, comandada pelo capitão Paulo Fragozo, foi o reconhecimento e o levantamento dos mapas orográficos e hidrográficos da serra do Caiapó e da bacia do Piqueri. A Comissão, de fato, era constituída pelo capitão, pelo tenente Pina e um grupo de recrutas, desfalcados de início pela perda de dois homens: “o Tarquinio, paulista sorocabano, violeiro e zarolho, que morrera de maleita, e o Fidêncio, mulato manso e triste que fora picado por uma jararaca”. “O sertão goiano, bravio e bruto, parecia ir defendendo-se com todas as armas contra aquela entrada”.

O capitão Paulo Fragozo, o personagem central do romance, não era um paulista como Del Picchia, mas um carioca, filho de um catedrático de Física do Colégio D. Pedro II. “Seus estudos de etnologia americana e de geografia econômica haviam-lhe granjeado a reputação de sábio”. Mais do que isto, “um seu longo estudo sobre os sambaquis do sul, de onde tirara os elementos de sua célebre ‘Etnografia brasileira pré-colombiana’, consagrara-o mestre nos círculos da Alemanha e da França. Sustentara uma áspera polêmica com o Dr. Paul Rivet sobre a primeira migração ocidental da Terra do Fogo”. Na página 48, amplia ainda mais o perfil intelectual do herói: “Antropologista ilustre, Fragozo notou, num relance, que este horrendo sambaqui possuía peças de toda a idade”. Em seguida, o herói demonstra os seus conhecimentos de paleontólogo, quando identifica os ossos de um brontossauro, e de arqueólogo, quando reconhece restos cerâmicos provenientes de culturas gregas e peruanas. Finalmente, na página 58, o autor o identifica como um “físico notável”. Mas, como apenas prendas acadêmicas não são suficientes para forjar um bom herói, Menotti acrescentou: “era sóbrio, prudente e autoritário. Bela máscara viril num corpo de atleta”.

Sabendo que o cenário escolhido pelo autor é o “sertão goiano, bravio e bruto”, podemos então tentar reconstruir o roteiro da Comissão. A história se inicia quando o capitão Fragoso deixou o caminhão em Mineiros e seguiu, com seus companheiros, pelas vertentes do Caiapó e do Aporé, tendo que passar primeiro pela Serra Selada. A cidade de Mineiros está localizada na região do Alto Araguaia, sudoeste do Estado de Goiás, cerca de 18º de latitude sul. Conta hoje com cerca de 40.000 habitantes, provavelmente menos de 8.000 há sessenta anos atrás. Ao contrário do que poderia se imaginar (considerando o norte como mais inóspito), a expedição seguiu rumo sul, passando pela serra da Mombuca, em direção à serra do Caiapó, maciço situado praticamente nos limites do Estado de Mato Grosso. O rumo sul foi modificado no sentido oeste, atingindo a margem direita do rio Aporé, cerca de meio grau abaixo. Este rio nasce no Mato Grosso e deságua no rio Paranaíba, no Estado de Minas Gerais². Deste ponto, a expedição teria seguido sempre rumo oeste, ultrapassando a Serra do Baú, em direção ao Taquari, rio que nasce nas divisas dos dois Estados e tem a sua foz no rio Paraguai. Para atingir o Piqueri seria necessário, após cruzar o Taquari, efetuar uma inflexão no sentido noroeste, a fim de alcançar este afluente do rio São Lourenço. É de se supor, então, que os fatos principais do romance tenham como cenário não mais o “bruto sertão goiano” e sim o interior do Estado do Mato Grosso. A suposta República 3000 foi assim localizada pelo autor em um ponto não muito distante da atual cidade de Rondonópolis. Não conseguimos identificar o rio Pitomba.

O Autor faz referência ao rio das Mortes, situado bem ao norte de onde se desenrola a aventura, mas que era o objetivo final da expedição, pois deveriam encontrar a sua foz, na margem esquerda do Araguaia, abaixo da bifurcação que esse rio faz para formar a ilha Grande (Bananal). É interessante lembrar que, na década em que o livro foi escrito, iniciava-se a expedição Roncador-Xingu, parte da famosa Marcha para o Oeste realizada pela Fundação Brasil Central. O ponto de partida dessa Marcha foi Aragarças, situada ao norte de Mineiros, na margem direita do Araguaia.

Menotti com certeza se utilizou de uma carta geográfica para identificar os acidentes geográficos da região, que considerou suficientemente inóspita para esconder uma civilização desconhecida. Mas os seus conhecimentos sobre a flora da região são bastante precários. Embora a região escolhida seja uma área de cerrado, os expedicionários encontraram muitos mandacarus e grandes florestas do tipo amazônico.

Como inevitavelmente a expedição deveria encontrar com “índios selvagens”, podemos também avaliar o conhecimento etnográfico do Autor. Ainda nos limites de Goiás com Mato Grosso, o capitão Fragoso é alertado por um soldado matuto: “A três quilômetros daqui topêmo cum aldeamento. Num pudêmo reconhecê os tar. Parece que são bugres bravos. Talvez Baquiris...” Talvez o autor esteja se referindo aos Bakairi, situados bem mais ao noroeste. O interessante é não existir nenhuma referência aos Xavantes, pacificados em 1946, nas margens do rio das Mortes. Mas a confusão etnográfica maior acontece quando a expedição é atacada pelos índios, que matam alguns expedicionários e aprisionam seis deles. O capitão Fragoso fracassa em uma tentativa de salvá-los dos canibais. O trecho seguinte refere-se a essa tentativa:

Um grupo de guerreiros índios, todos empavesados com penachos e colares de dentes, dançavam em torno dos desgraçados uma sarambada sinistra e belicosa. Uns tocavam bombos de tapiruçu num ritmo bárbaro, outros sopravam flautins feitos com tíbias de guerreiros, outros levantavam um clamor tremendo com inúbias.

A semelhança com os Tupinambá, índios do litoral brasileiro, acentua-se quando o cacique levanta no ar “a tangapema ornada com pluma de arara”, ao mesmo em tempo que “velhas, com olhos gulosos, tal qual nossas matronas diante das peças expostas nos ganchos de um açougue, avaliavam a gordura das presas. Sussurravam glotonamente com bocas desdentadas: ‘igatu! igatu’”.

Após uma perseguição por parte dos índios, a expedição ficou reduzida ao capitão Fragoso e ao cabo Maneco, um mateiro mestiço, que vai servir de contraponto ao capitão: enquanto o primeiro é o sábio, o segundo é o matuto, o que de certa forma constitui o lado humorístico da trama.

A partir da página 46, inicia-se a aventura fantástica: “Longe, a perder de vista, cerca de um metro de altura do chão, cortando em cinta todo o horizonte, o bizarro arco de um circo formava uma barreira misteriosa em frente dos caminheiros”.

A surpresa maior é que esta barreira em circo acumulava em seu entorno

esqueletos de todos os tamanhos: uns miúdos, outros gigantescos. Possuíam alguns as conformações mais exóticas. Deviam ser uns do primitivo homem da caverna, o taciturno e feroz companheiro do bisonte. Outros eram de antropoides. A mistura de crânios e das outras peças denotava uma inextricável promiscuidade de tipos humanos e de raças, oriundas de todos os períodos históricos e de animais de todos os tempos. Adiante a uns cinquenta metros a carcaça ciclópica de um brontossáurio, já desarticulada, com as cambotas da coluna vertebral e da cauda ainda na série anelada de sua justaposição primitiva, projetava no chão o perfil do monstro, apesar de separadas as suas peças como as contas de um colar denastrado. Ossatura de pumas, de javalis, de cervos, de colossais pitecos surgiam entre os esqueletos de grandes aves de presa: águia, gerifalte e condores. Não compreendo! Não posso compreender esta mistura... – sussurrou pensativo Fragoso.

Nem o herói compreende, nem o leitor. Ao contrário de Fragoso, excelente paleontólogo, o Autor misturou na estranha barreira elementos de uma fauna que nunca pertenceu ao continente!

Logo descobre que atravessaram incólumes uma barreira invisível de eletricidade, capaz de derrubar o aeroplano que o Exército mandou em socorro da expedição. A seguir, defrontam-se com o primeiro habitante da República 3000, ao encontrarem “uma pequena cúpula de metal brunido, tal qual um grande capacete germânico, de um metro de altura... Do bojo dessa cúpula saltou um ser monstruoso, pequeno e ágil”.

Capitão Fragoso analisou a estranha criatura:

Sua estrutura era, afinal, de um ser humano. Duas pernas, dois braços, cabeça... Mas o crânio enorme, desproporcionado, lembrando uma carapaça de escafandro, entroncava-se num tórax triangular... Seus braços eram finos e flácidos como dois cabos cartilagosos e bambos, articulando-se em movimentos de serpentes. Suas pernas eram finas, da mesma tessitura muscular dos braços, sendo que atrás pareciam guardar duas membranas dobradas à guisa de leques fechados... A cabeça daquele ser prodigioso era lisa, óssea, com um setor rasgado em quadrilátero que ia de orelha a orelha, dentro do qual se movia automática e rapidamente um olho apenas, em sentido horizontal. O nariz era um orifício e a boca um pequeno rasgo, de comissuras exatas, que se fechavam hermeticamente, sem a saliência dos beiços.

Enfim, uma imagem não muito diferente dos ET do imaginário atual.

Ao ser inquirido quem era, o ser bruscamente voltou-se e acionou uma caixa circular, metálica, dentro da qual movia uma hélice. “E, num relâmpago, sumiu-se no espaço”.

Atraídos por uma força estranha, continuaram caminhando no mesmo sentido que o estranho ser, até que se depararam com uma espantosa cidade:

via apenas, em redor, cubos metálicos, fenestrados simetricamente, obedecendo a uma rigorosa simplificação geométrica, desenhando as retas largas e imensas de ruas pavimentadas de metal... num recanto longínquo da cidade, o perfil azulado da cúpula de um palácio maravilhoso, cuja arquitetura não se podia adivinhar, pois o corpo principal do prédio estava escondido pelas casas metálicas.

Foram cercados por uma multidão de “pequenos seres monstruosos, iguais àquele que os aprisionara”. Em um ótimo português, um deles falou: “Desejamos saber como conseguiram passar a fronteira elétrica da República 3000”.

Ao ser interpelado por Fragoso a respeito do mistério que os cercava, a resposta foi lacônica: “Para uma mentalidade atrasada de dois mil anos, seria impossível uma explicação agora. Se for necessário, depois penetrarão no segredo de nossa civilização e de nossa cultura. Acompanha-os um guia que conhece a sua língua. Ele lhe dará oportunas instruções”.

Logo, Fragoso

compreendeu que aquela civilização abolira a roda. E com ela a indústria e o combustível. Grande passo de libertação! Haviam superado o fastígio da cultura industrial e atingido uma surpreendente simplificação dos processos de vida. Nada de veículos, de dínamos propulsores, de chaminés, de engrenagens; a complexidade mecânica... Fragoso não perguntou de onde saía a eletricidade. E nem o que faziam.

Foram levados para um Museu Histórico. A explicação foi de que esse era o único prédio que se adaptava aos seus organismos arcaicos. Lá encontraram tudo o que necessitavam. Fragoso se deu ao luxo de tomar um banho em uma piscina de mármore róseo. Na verdade, o Museu Histórico era o palácio que divisaram de longe e Fragoso perguntava “por que no meio da cidade mecânica conservava essa civilização progredida um palácio arcaico, igual aos mais suntuosos da civilização ocidental?”

Segundo o Autor, Fragoso examinou detidamente o palácio “de rigorosa arquitetura barroca parecendo desenhada por Levau, cercada por um vasto parque no estilo de Lenôtre”.

Na primeira noite que dormiu no palácio, “noite esta que parecia filtrar na terra um narcótico de papoulas”, Fragoso ouviu uma voz cristalina que se ergueu no silêncio...

Na epígrafe do capítulo VIII, o Autor afirma que “os etnólogos e os antropologistas necessitam rever seus tratados, depois de consultar Gurnia, o sábio americano de origem cretense. Pobre da nossa vã filosofia diante da simples explicação das verdades irrelatadas que nos cercam...” É nesse trecho do livro que Gurnia, o sábio da República 3000, resolveu contar a Fragoso a origem de seu povo: “...treze meses após a partida de Keftiú – narra

o cronista Ama, de raça sidoniana a serviço do rei Idomine –, a nau **Cnossos**, seguindo o roteiro de um navegador fenício, nativo de Byblos e chamado Arad, naufragou na orla da baía de Marajó!”

Segundo Gurnia, o nome do chefe da expedição cretense era “Kynir, filho de Tamou, de origem egípcia, que comandou, em terra também, os náufragos até se estabelecerem aqui e fundarem a República; ficou na nossa tradição como o patriarca da pátria 3000. Tudo isso pertence mais à lenda do que à nossa exata cronologia!”

O caminho mais fácil para a penetração, a partir de Marajó, até o local da República, seria subir o Tocantins e, posteriormente, cruzando o Araguaia, alcançar o seu destino. Mas o Autor preferiu complicar um pouco mais. Assim é que Gurnia continua o seu relato:

Até a gente de Kynir fixar-se nessa região, os acasos da guerra a fizeram a dar um largo giro pelo nordeste do continente [com certeza, o Autor queria dizer noroeste do continente], contornando a bacia amazônica, pelas terras quíchuas, alcançando e batendo os Uros na margem do Titicaca. A grande invasão do este, fê-los penetrar na bacia do Amazonas, de onde, renteando pelos vales o grande maciço central, se localizaram definitivamente no Caiapó.

A partir de então, o diálogo entre o sábio Gurnia e o antropólogo Fragoso reflete uma série de hipóteses a respeito do povoamento da América, algumas delas já desacreditadas na época da elaboração do livro, como a tese do autoctonismo do homem americano, defendida pelo argentino Ameghino, tese esta que Gurnia defende, criticando, porém, o exagero de Ameghino de considerar o pampa argentino como o berço da humanidade. Para Gurnia, a hipótese mais aceita do povoamento da América através do estreito de Behring é refutada por ser inútil. Segundo ele, os homens teriam nascido rudimentares em toda a parte. Depois é que evoluíram e emigraram...

Como um bom cientista, Fragoso, que tinha inicialmente aceito as explicações do sábio, foi tomado pela dúvida e refutou: “por que, então, Eduardo Sapir conseguiu estabelecer um parentesco entre a língua sino-tibetana e o idioma norte americano Na-Dene, isto é, o falado pelos grupos Athapaskan, Haida e Tinglit, comum ao Canadá e ao México setentrional?”

A resposta de Gurnia foi tranquila: “Por que não se admitir uma posterior migração asiática? Por que, também, não aceitar o postulado de Adolfo Bastian, pelo qual a homogeneidade da natureza física e intelectual do ser humano faz com que, em circunstâncias análogas, produza objetos, ideias e costumes semelhantes e de modo independente, em diversos momentos da evolução humana?” Citou, ainda, Ratzel para sustentar o seu argumento, além de considerar como possível a validade da pesquisa de Ameghino.

Em sua trama, o Autor despendeu numerosas páginas para narrar a angústia do herói, ansioso por saber quem era a dona da bela voz que ouviu naquela noite. As informações que obteve junto aos seus interlocutores é que era a voz do monstro! Esta explicação aguçou ainda mais a sua curiosidade, que se tornou maior quando soube que o monstro falava a sua língua e que tinha uma “cultura ocidental completa. Por meio de aparelhos que possuímos: o rádio, a televisão, a autoaudição – criação da extinta era da eletricidade – está a par de tudo que passa no universo”.

Finalmente Fragoso conheceu o monstro, ao mesmo tempo em que ouvia a apresentação feita por Gurnia:

“Chama-se Razymi. Para o seu estágio de cultura, tem uma erudição invulgar e sempre denunciou uma inteligência fora do comum. Um quíchua a julgaria linda...”

Fragoso não ouviu a continuação da fala de Gurnia, pois contemplava deslumbrado a mulher maravilhosa que lhe disse:

“Eu sou Razymi, a aclla, descendente de Manco-Capac, prisioneira dos cidadãos desta República”.

“Alva, olhos enormes e líquidos, boca perfeita, cabelos longos, vestida por uma túnica branca”, estas e muitas outras palavras o Autor utilizou para descrever a linda descendente dos Incas. Afinal, o leitor conhece agora as personagens centrais da história: o mocinho, o amigo do mocinho e a linda heroína.

Não vamos mais continuar descrevendo o desenrolar da aventura. Não queremos subtrair de nossos leitores a oportunidade de ler o livro e conhecer o seu final. Ficaremos restritos ao nosso objetivo de efetuar uma análise de texto que nos permita deduzir os conhecimentos antropológicos e científicos de Menotti Del Picchia e avaliar a adequação do mesmo com o conhecimento da época em que o livro foi escrito.

Supomos que a primeira edição do livro ocorreu no segundo lustro da década de 40 do século passado, pouco tempo depois do término da segunda guerra mundial, quando cerca de uma centena de milhões de pessoas tinham desaparecido na grande catástrofe. O mundo ainda estava chocado com a revelação das barbáries cometidas, mas por outro lado existia a ilusão de um longo período de paz e prosperidade. Havia também a admiração pelo grande desenvolvimento tecnológico ocorrido. Surgiam os primeiros aviões a jato e os quadrimotores a hélice tinham adquirido a autonomia para atravessar o Atlântico, o que era impensável na década anterior. A era do rádio se consolidava e a televisão começava a ampliar as suas fronteiras. E para o bem ou para o mal, a era atômica tinha se iniciado. Talvez tenham sido esses fatos que levaram um poeta a escrever um texto de ficção científica.

Ao contrário da poesia, na qual prevalece a inspiração, a ficção científica depende de conhecimentos prévios para serem manipulados. Menotti Del Picchia se preparou, iniciando por criar um espaço geográfico para a localização da República, utilizando-se de acidentes geográficos reais que nos permitiram identificá-los décadas depois. Provavelmente não teve acesso a informações sobre as populações indígenas possíveis, então, de serem encontradas na região escolhida. A sua descrição dos canibais indica, provavelmente, uma leitura de Hans Staden ou Jean de Lery, ou outro cronista do século XVI. Mas a área geográfica escolhida é muito mais uma região de predominância de índios do grupo linguístico Jê do que Tupi.

O seu maior desafio, no entanto, foi o de imaginar uma sociedade humana com um desenvolvimento tecnológico muito mais avançado do que o do mundo em que viveu, tarefa impossível até mesmo para um Leonardo da Vinci. A denominação da república e a periodização de sua história são um pouco confusas. Houve outras eras antes – a idade do vapor, a idade da eletricidade etc. – mas o leitor fica em dúvida se o número 3000 refere-se ao tempo contado desde a partida de Creta ou apenas indica um milênio na nossa frente.

Já no decorrer de nosso texto inserimos uma crítica aos vestígios dos animais eletrocutados na barreira elétrica: alguns nunca existiram no continente ou já eram extintos quando a história de Creta se iniciou.

Os sábios da República 3000, como vimos, anunciavam o fim da era da eletricidade. Falavam de uma forma

de energia pura, mas Menotti deixa os seus leitores em dúvida. Ele está se referindo à forma de transmissões elétricas sem a necessidade de um conduto material ou já estava pensando na energia nuclear? No texto, temos mais evidências que sustentam a primeira que a segunda hipótese. É importante lembrar que o conhecimento científico da época relativo à energia nuclear já era extremamente avançado, o que permitiu a construção das primeiras bombas atômicas.

É extremamente absurda, do ponto de vista até mesmo daquela época, a explicação do sábio cretense quando se refere a uma próxima viagem interplanetária, que, segundo ele, depende apenas da anulação da força de gravidade terrestre! Com certeza, os cientistas de então já conheciam todas as demais dificuldades para uma viagem espacial. Basta lembrar que 20 anos após a publicação do livro o homem chegou à Lua. A rigor, o único conhecimento avançado que o Autor utiliza é a telenergia, concebida como uma forma de energia mental que explica o poder dos habitantes da cidade encontrada por Fragoso.

Antes de iniciarmos a nossa análise sob um ponto de vista antropológico, resta-nos fazer alguns comentários sobre o conhecimento científico e tecnológico do Autor. Na página 90, o sábio, explicando a razão de sua muralha elétrica, diz;

Resolvemos processar nossa evolução em um âmbito restrito, com um número determinado e fixo de cidadãos, mesmo porque as condições econômico-geográficas do território nacional eram riquíssimas de todos os elementos necessários e bastavam à nossa civilização: campos para o pastoreio, terras para todas as culturas, minas de carvão, ferro, petróleo e materiais preciosos. Para que imperialismo onde há fartura e bem-estar?

Pode-se, então, supor que a República possuía um vasto território, o que é incompatível com a visão que Trancoso tem da barreira: “o bizarro arco de um circo”. Ora, se o herói, a olho nu, teve a percepção do formato circular da fronteira, só podemos imaginar que o território da República era extremamente pequeno, contrariando as afirmativas do sábio.

Encantado com a suntuosidade do palácio e de sua linda ocupante, Fragoso não se preocupou em saber nada da vida econômica e da organização social da República. O leitor fica imaginando uma sociedade constituída de um enxame de seres alados, assexuados e com uma população exclusivamente adulta. Com a evolução, ficaram abolidas as distinções etária e de gênero.

Menotti Del Picchia com certeza foi influenciado com o desenvolvimento científico e cultural do meio em que vivia, nos anos 30 e 40. Por isso, procurou elaborar um livro de ficção científica com um lócus determinado. A República 3000 poderia estar situada em um ponto qualquer da imensa floresta amazônica, palco de inúmeras expedições à procura de Eldorados ou mesmo da terra das guerreiras mitológicas que deram nome à região. Preferiu, no entanto, buscar um espaço concreto em uma pesquisa cartográfica. Poderia ter escolhido uma heroína indígena qualquer, mas preferiu achar a equação temporal e encontrar uma princesa Inca, em pleno século XX. Poderia ter cercado o herói, apenas, por personagens fictícias, mas preferiu fazer referências a cientistas reais.

No início do texto, quando faz a apresentação de Fragoso, refere-se à “sua áspera polêmica com o Dr. Paul Rivet

sobre a primeira migração ocidental da Terra do Fogo”. Dr. Paul Rivet (1876-1958) foi um importante antropólogo francês, principal defensor da ocupação humana da América através do Estreito de Behring (*Les Origines de l’homme américain*, 1943), embora também admitisse imigrações vindas por outras vias, como a Terra do Fogo, passando pela Austrália. Nos anos 40 e 50, manteve uma estreita relação com diversos intelectuais paulistas.

Ao descrever o palácio, considerou-o “de rigorosa arquitetura barroca, parecendo desenhada por Levau, cercada por um vasto parque no estilo de Lenotre”. Referia-se, então, a Louis Le Vau (1612-1670), arquiteto francês que construiu os hotéis Lambert e Lauzon na ilha de Saint Louis, em Paris, e que foi convidado por Louis XIV para dirigir os trabalhos de Versailles. E a André Le Notre (1613-1700), jardineiro francês, que foi nomeado jardineiro chefe da Tulherie, em seguida do Luxemburgo, e finalmente encarregado de desenhar o parque de Versailles, que se tornou o modelo dos jardins à francesa (cf. *Encyclopédia Delta LaRousse* :3993 e 3971, respectivamente).

Mas é no diálogo sobre o povoamento da América (p. 85-89) que podemos avaliar o conhecimento que Del Picchia tinha a respeito da antropologia de sua época. Gurnia choca o nosso herói quando defende a posição de Florentino Ameghino (1854-1911), paleontólogo argentino que defendeu o autoctonismo do homem americano. Tese esta defendida em seu artigo “*Le Disprothomo platensis*, um precursor de l’homme du pliocene de Buenos Aires” (in *Anales Museo Nacional*, Buenos Aires, 19: 107-209, 1909). Esta hipótese foi amplamente refutada em função da carência de uma sólida base material (cf. COMAS, *Manual de Anropologia Física*, Fondo de Cultura Econômica, 1957, México: 464).

Quando Fragozo replicou citando o linguista Edward Sapir (1884-1939), que estabeleceu conexões entre línguas asiáticas e ameríndias, Gurnia retruca considerando a hipótese do povoamento através do estreito de Behring como inútil porque – segundo ele – os homens teriam nascido rudimentares em todas as partes.

O sábio insiste em seu alinhamento com o hologenismo, segundo o qual “ocorreu o nascimento de hominídeos em toda a terra, e quanto ao homem, propriamente dito – surgiu também em grandes porções da terra”. Esta é uma afirmação de George Montadon, em seu livro *L’Homme Préhistorique et les Préhumains*, Payot, Paris, 1943. É provável que o Autor tenha ouvido falar dessa publicação, que contrariava as posições dominantes em sua época.

Na última intervenção de Gurnia no diálogo são citados dois outros cientistas reais para reforçar os seus argumentos: Frierich Ratzel (1844-1904) e Adolf Bastian (1826-1905). No entanto, os dois aparecem no texto como partilhando as mesmas opiniões do cientista da República 3000. Ora, Ratzel, em sua *The History of Mankind* (1896), defende os postulados do difusionismo alemão, segundo os quais elementos culturais encontrados entre povos distantes são indícios de um processo de difusão cultural, podendo até mesmo significar que em algum momento do passado esses povos tiveram algum tipo de contato. Por sua vez, Bastian defende que a igualdade psíquica do homem pode ocasionar invenções simultâneas, sem que haja necessidade de qualquer tipo de contato. Ideia esta que, na segunda metade do século XX, foi amplamente endossada pelos estruturalistas.

Enfim, a maioria dos autores citados pelo Autor pertence a uma antropologia muito mais do final do século XIX e princípio do século XX. Pesa a seu favor o fato de que o seu campo de atuação era a literatura e mais especificamente a poesia. Por outro lado, a cidade de São Paulo, nas décadas de 30 e 40, abrigou antropólogos

que foram importantes para o desenvolvimento da ciência no século XX, como Claude Lévi-Strauss, A.R. Radcliffe-Brown e Roger Bastide, que, pelo visto, não tiveram nenhuma influência sobre Del Picchia. Ignorou também a existência da Universidade de São Paulo e, no Rio de Janeiro, a Universidade do Brasil, o que o levou a imaginar o pai de Fragoso como professor do Colégio Pedro II, que talvez para ele ainda fosse a instituição de ensino mais avançada do Brasil. Porém, quaisquer que sejam as críticas que se possa fazer ao seu trabalho, não diminuem o seu valor e nem reduzem a importância de ser o Autor do primeiro romance de ficção científica escrito no Brasil.

Terminamos com um fato anedótico. No início dos anos 70, fomos procurados por um aluno de graduação da Universidade de Brasília que acreditava que na Serra da Paraúna existia uma base de discos voadores, operados por remanescentes incas. A serra da Paraúna situa-se na região goiana próxima ao itinerário percorrido pelo capitão Fragoso. Será que ele leu *A filha do Inca*?...

NOTAS

- 1 Agradeço ao meu colega Julio Cezar Melatti pelas interessantes observações que foram incluídas no texto.
- 2 Esta inflexão pelo rio Aporé, bem mais ao sul da rota traçada, não é explicada pelo Autor.

A Filha do Inca: A ficção científica de Menotti Del Picchia

RESUMO

Menotti Del Picchia, importante poeta paulista da primeira metade do século XX, publicou, na década de 40, talvez o primeiro livro de ficção científica brasileiro, no qual o herói é um oficial do Exército que também é um antropólogo. A aventura se desenrola no coração do Brasil Central. Esta resenha tardia pretende analisar os conhecimentos do Autor no que se refere à ciência da época, à geografia do interior do país e, principalmente, ao seu conhecimento antropológico.

PALAVRAS-CHAVE: ficção científica; Centro-Oeste; conhecimento antropológico.

The daughter of the Inca - The science fiction of Mennotti Del Picchia

ABSTRACT

Mennotti Del Picchia, important poet from the city of Sao Paulo of the first part of the twentieth century, wrote, in the forties, maybe the first Brazilian book of science fiction where the hero is from the army and also an anthropologist. The plot is developed in the heart of Central Brazil. This article intends to analyze the knowledge of the author in relation to the science of the time, to the geography of the countryside, and in particular, to his anthropological knowledge.

KEY WORDS: Science fiction; Central Brazil; Anthropologic knowledge.

Recebido em 10/11/2009

Aprovado em 17/11/2009